

**O meu nome  
é Bragança**



Presidente da Câmara Municipal de Bragança  
António Jorge Nunes

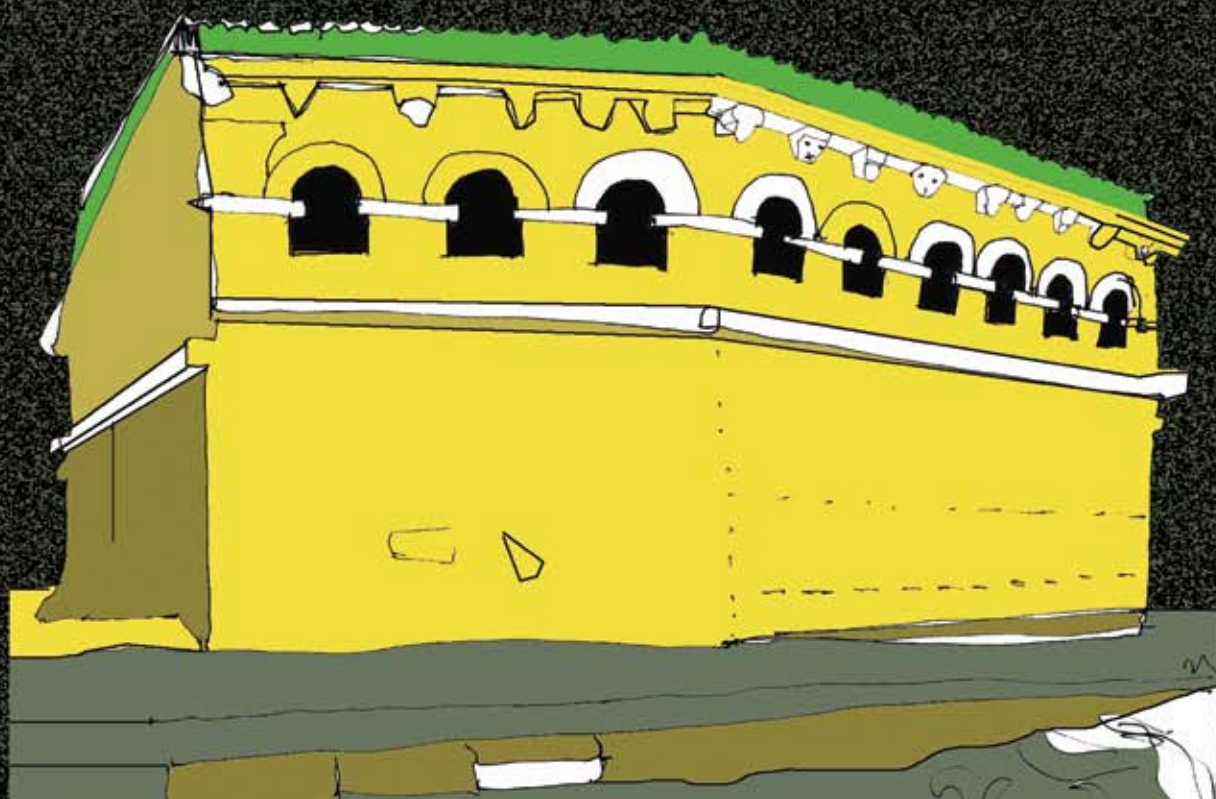
A edição da banda desenhada, “O Meu Nome é Bragança”, contribui para o objectivo de disponibilizar aos cidadãos em geral, e em particular à população estudantil, informação atractiva e de leitura agradável relacionada com a história de Bragança, baseada na investigação científica publicada no livro “Bragança marca a História, a História marca Bragança”.

São nossos propósitos entusiasmar os jovens com a História de Bragança, sistematizar novos projectos de investigação, reescrever páginas da História, continuando o estudo nos arquivos e com as escavações arqueológicas, cientes de que o conhecimento é um bem inesgotável, essencial ao bom e justo governo dos povos.

Perdem-se na escala do tempo, as origens de Bragança, pólo aglutinador de um vasto território, com boas condições naturais à fixação humana, corredor natural de circulação de pessoas e bens. A sua posição geoestratégica, terra fronteiriça, uma das mais antigas cidades de Portugal, marca de forma intensa a sua História e esta por sua vez a História de Portugal.

Interessa ao presente e ao futuro, aprofundar e valorizar a história da nossa terra, fortalecer a identidade, conhecer e assumir o contributo que os Bragançanos, ao longo de séculos, deram ao País, quase sempre com elevados sacrifícios, incluindo vidas e bens, e, por isso, compreender e saber reclamar a dívida histórica contraída pelo País para com esta região e que uma visão centralista teima em não saldar.

Interessa igualmente aprofundar o conhecimento relacionado com a concentração da população nas cidades, que as confronta com novos desafios na economia e na cidadania, pressionadas pela globalização, o que exige de todos dinamismo e entusiasmo, compromisso à volta do presente e do futuro, sem esquecer que a nossa história e identidade e o conhecimento da valentia e dos bons exemplos dos nossos antepassados, serão a necessária âncora que assegurará sustentabilidade à nossa actividade.





## O MEU NOME É BRAGANÇA

Para deleite das meninas e dos meninos destina-se esta banda desenhada, na qual se referem os factos mais significativos da História de Bragança.

Para os adultos também.

Retrocedendo nos séculos avivam-se as origens de Bragança e os diversos nomes que teve, os povos que a fizeram importante, as famílias que a engrandeceram, os homens Bragançons notabilizados por terem praticado actos de grande valia arriscando ou perdendo a vida, nas cinco partes do Mundo.

São realçados os principais monumentos da cidade, importantes marcas da História de Bragança.

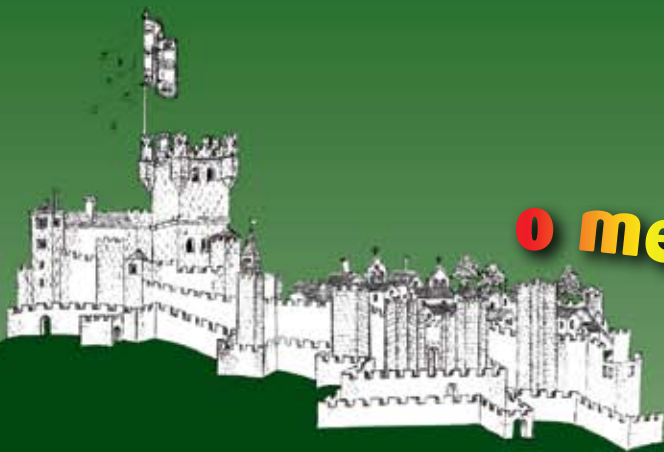
O singular e altaneiro Castelo, a Domus Municipal, a Igreja de Santa Maria, a Torre da Princesa e o Pelourinho todos situados na Cidadela, protegida por imponentes muralhas. Ainda dentro das muralhas, junto ao Castelo, podemos admirar o engenho e a arte no Museu da Máscara e do Traje.

A cidade transbordou das muralhas e outros monumentos merecem destaque: a Igreja de S. Vicente, de onde foi levantado o grito de revolta contra os franceses, o Palácio Episcopal no qual está instalado o Museu denominado Abade de Baçal, como preito de homenagem ao Padre Francisco Manuel Alves ilustre homem de cultura, a antiga Sé, a dominar a cêntrica Praça, rente fica o Centro Cultural e a Biblioteca, bem perto o Centro de Arte Contemporânea Graça Morais, não muito longe o refulgente Teatro Municipal.

Se, ao folhearem, estas páginas os miúdos e graúdos ficarem rendidos às figuras e algumas figuronas, teremos satisfeito o nosso propósito: descer a arte sobre as honradas gentes bragançanas, e, em certa medida, activar o interesse de todos pela História de Bragança.

Maria José Ferreira  
Armando Fernandes

O meu nome é Bragança, mas  
nem sempre assim aconteceu.  
Ao longo de séculos foi: Vergancia,  
Bregancia, Bregantia, Bragancia,  
Blagancia, Brigantie, Bragança,  
Bragança, Braguança e Bargança,  
até prevalecer Bragança.



## O meu nome é Bragança

### BRAGANÇA HÁ 3000 ANOS...

Bragança localiza-se em território favorável à fixação humana. Vestígios de arte rupestre em Grijó e Milhão o comprovam.



Entre os séculos XI a VIII a.C. estabeleceram-se os primeiros sítios fortificados em lugares cimeiros (Babe, Outeiro, Parada, Pinela, Rebordãos...).

### SÍTIOS FORTIFICADOS



### CASTROS



Os castros eram espaços fortificados com pedras fincadas no solo, que controlavam a circulação de pessoas, bens e mercadorias. No concelho de Bragança foram identificados 52 castros da Segunda Idade do Ferro, espalhados ao longo de vales e linhas de água (Alimonde, Calvelhe, Soutelo, Castro de Avelãs...).

## O POVO



Nos castros viviam comunidades que integravam o povo conhecido como os Zoelae, com sede política e administrativa em Castro de Avelãs, estendendo-se por uma vasta área no Nordeste de Portugal e Nordeste de Espanha.

## A CONQUISTA ROMANA

Os Romanos entraram na Península Ibérica em 218 a. C. Eles trouxeram uma nova organização política administrativa e territorial. Em Bragança é bem expressiva a romanização, face aos indícios recolhidos, às escavações arqueológicas recentes, à importante via militar a ligar o Atlântico à Meseta Ibérica, que passava por Bragança.

Bragança terá vivido nos séculos I a III d.C., tempos de crescimento e prosperidade.

Estrada Romana



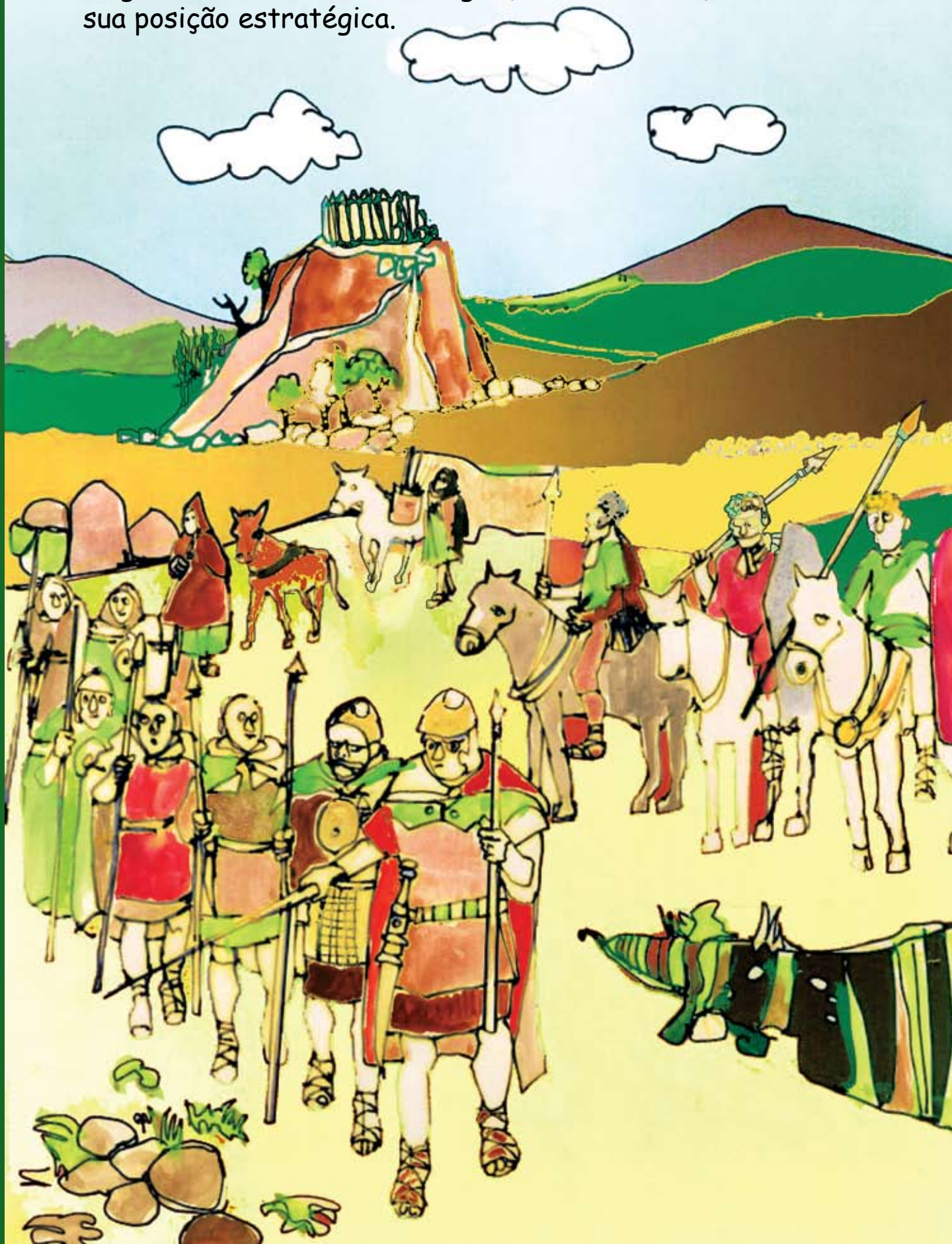
Ponte Romana





## SUEVOS E VISIGODOS

Vindos do Norte, suevos e visigodos substituem os romanos no governo do território. Bragança é terra cobiçada devido à sua posição estratégica.





## A INVASÃO MUÇULMANA

Os visigodos perdidos em lutas internas facilitaram a entrada dos muçulmanos na Península, sendo vencidos por Tarik e os seus homens em 711.

A região de Bragança transforma-se numa espécie de área fronteiriça alargada onde o saque era constante.

Apesar das dificuldades, os seus habitantes continuaram as actividades pastoris.



## A RECONQUISTA

Lentamente, os homens do Norte iam descendo para o sul das montanhas e ocupando as terras mais férteis.

Pretendida pelos poderes religiosos, Bragança vai promovendo a reorganização do território cristão que se ia estabelecendo em torno das dioceses de Braga e Astorga. No Concilio de Oviedo, no ano de 907, é referido Pelágio Conde de Bragança.



Dom Mendo Alão  
e a princesa Ardzrouri

## OS BRAGANÇOS

No final do século X e início do século XI, domina a família dos Braganços, com D. Mendo Alão, que casou com a princesa Ardzrouri da Arménia, aquando da sua passagem pelo Mosteiro de Castro de Avelãs, indo em peregrinação a Santiago de Compostela.



## O PODER DOS BRAGANÇOS

Durante o século XI a meados do século XIII, a poderosa família dos Braganços, a segunda das cinco mais importantes linhagens da aristocracia medieval portuguesa a seguir à família Real, adquire grande peso político nas Cortes do reino de Leão, no Condado Portucalense, e no reino de Portugal mercê da sua situação estratégica.



## FERNÃO MENDES "O BRAVO"

Fernão Mendes II de Bragança, cunhado de D. Afonso Henriques passou à história como o *Bravo*, pela bravura demonstrada na batalha de Ourique (1139-1140).

Foi um dos esteios da ascensão política do nosso primeiro Rei e do Reino de Portugal, por causa do seu poderio militar e económico.



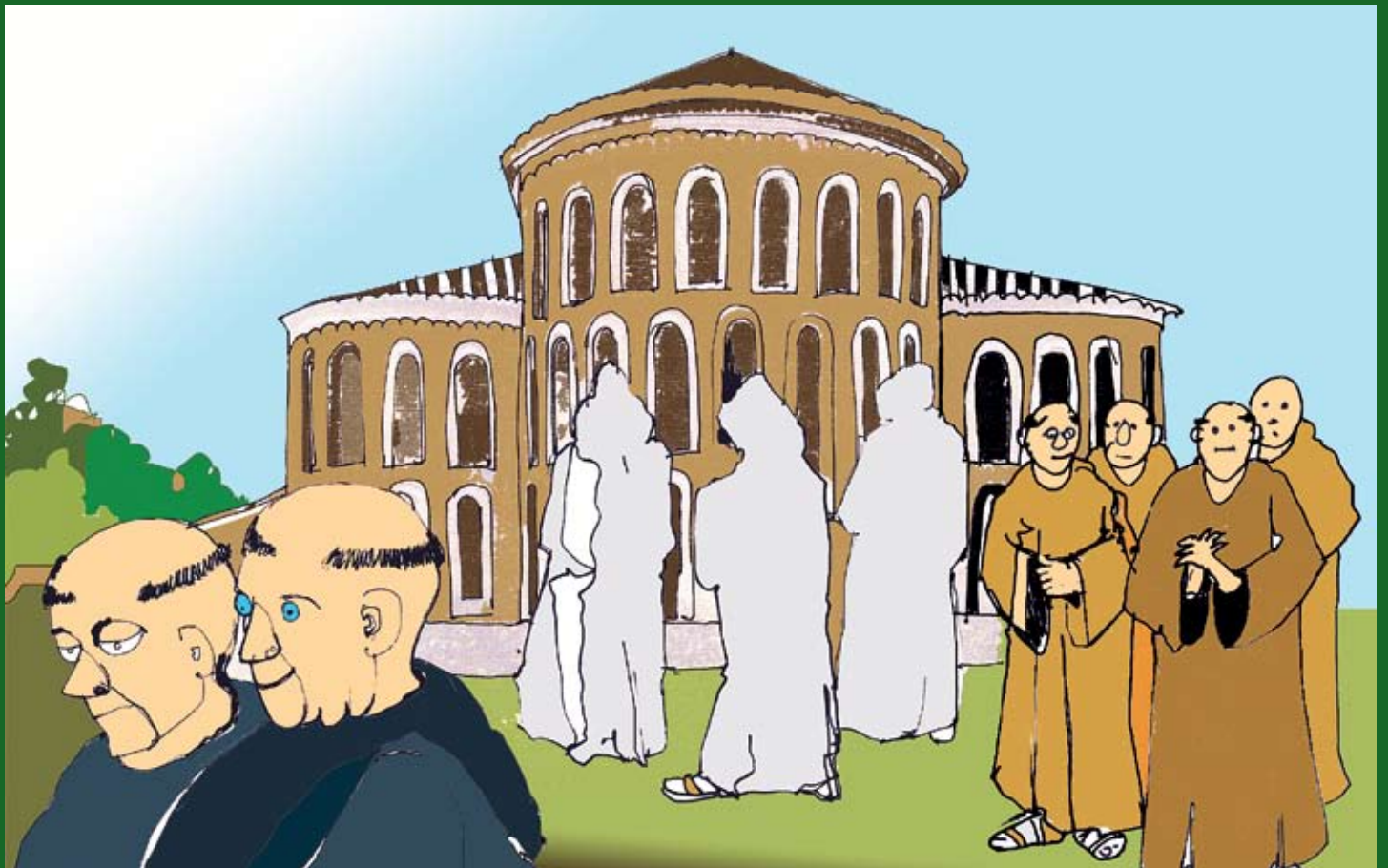
## AS ORDENS RELIGIOSAS E O POVOAMENTO

Os monges beneditinos do Mosteiro de Castro de Avelãs dominavam um extenso território de Montesinho, a norte, a Limãos, a sul, de Vinhais, a ocidente, a S. Julião, a oriente. Nele incentivaram o povoamento através de uma acção colonizadora constituindo casais e fazendo aforamentos com os camponeses.

Eles trouxeram o estilo mudéjar de Castela e Leão, sendo única relíquia desse estilo toda a cabeceira com abside e absidíolos, que ainda se conserva na Igreja de Castro de Avelãs.

Os franciscanos do Convento de S. Francisco além de viverem modestamente e das esmolas, tiveram papel de relevo no campo da pregação, na administração dos sacramentos e no apostolado.

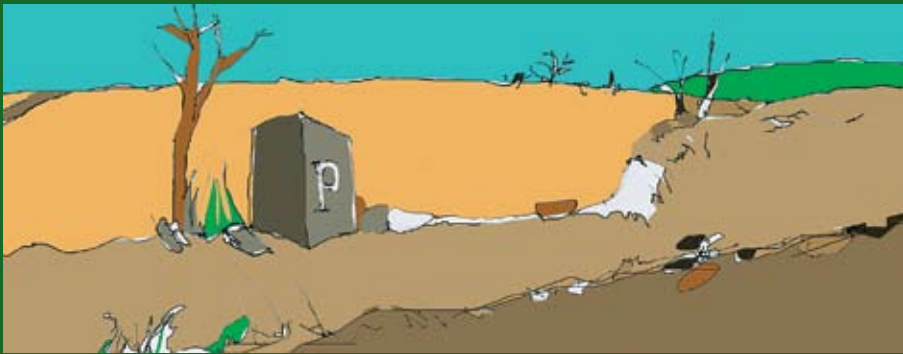
O documento mais antigo a falar da presença dos franciscanos em Bragança, é o legado de cinquenta libras feito ao convento por Afonso III, no ano de 1271.





## FORAL DE VILA

No ano de 1187,  
D. Sancho I atribuiu  
a Bragança o Foral  
de Vila.  
Mandou colocar marcos  
nas zonas fronteiriças.  
Por lá passou em sinal  
de posse.  
Ordenou o  
fortalecimento das  
defesas e reconstrução  
das muralhas de  
Bragança.



Reconstrução das muralhas.



## CONFLITOS COM O REINO DE LEÃO

Bragança esteve militarmente implicada nos conflitos, sofrendo agruras provocadas pelo cerco dos exércitos inimigos. Os Bragançons estavam na primeira linha dos negócios de Portugal, participando em importantes acordos envolvendo os dois reinos.



No ano de 1258, a família dos Bragançons perde a varonia, e D. Afonso III entrega Bragança a Nuno Martins, descendente desta linhagem. Ocupou cargos de relevo na corte de D. Dinis, aio e mordomo-mor.

## D. DINIS E A RAINHA SANTA ISABEL NA REGIÃO DE BRAGANÇA

O Rei *Lavrador* com o intuito de povoar terras fronteiriças, concedeu inúmeras cartas de foral com saliência para a região transmontana.

Foram distinguidas com a concessão dessas cartas: Arufe, Castanheira, Gostei, Outeiro, Paçó, Pinelo, Pombares, Rebordãos, Sanceriz, Sesulfe, Vale de Nogueira, Vale de Prados, Valverde, Vidoedo, Vila Franca, povoações do concelho de Bragança.



Sanceriz  
Outeiro  
Paçó  
Vidoedo

Valverde  
Vale de Prados  
Vale de Nogueira  
Rebordãos

Pombares  
Arufe  
Gostei  
Castanheira



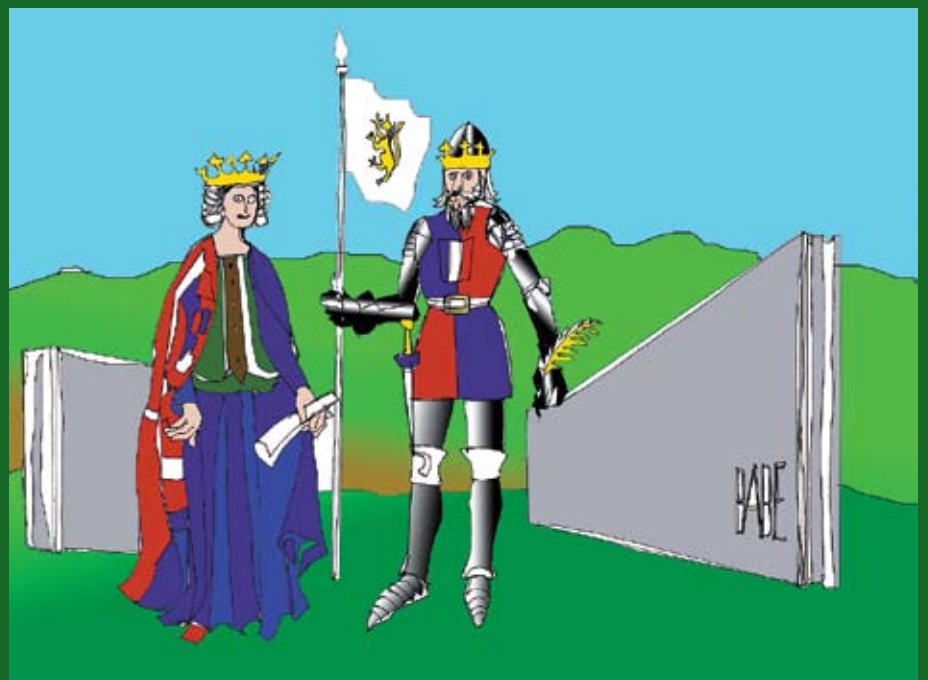
A Rainha Santa Isabel mantinha um forte afecto por Bragança, concretizado na protecção à capela de Nossa Senhora da Ribeira, sobranceira à aldeia de Quintanilha. Ao entrar por Bragança, aquando do seu casamento com D. Dinis, no ano de 1288, a Rainha tornou-se devota da Senhora da Ribeira, local aonde acorriam muitos fieis Portugueses e Leoneses.

## GUERRAS COM CASTELA

No século XIV, as guerras com Castela provocaram grande destruição e Bragança foi tomada pelos exércitos castelhanos no ano de 1370. Em 1381, a região bragançana volta a ser militarmente devastada, surge a fome, as epidemias e com elas o desmesurado aumento da mortalidade infantil e o abandono dos campos. Bragança perde 83% da população.

## TRATADO DE BABE

No ano de 1387, o Duque de Lencastre e D. Constância, herdeira de Castela, assinam o Tratado de Babe, no qual reconhecem a D. João I, aclamado rei nas Cortes de 1385, os direitos que afirmavam possuir sobre Portugal e o Algarve.







## DOM JOÃO I EM BRAGANÇA

No ano de 1396, Dom João I volta a Bragança, em situação de conflito com Castela, tomando o castelo a João Afonso Pimentel seu alcaide que se havia aliado aos castelhanos, confiscando-lhe os bens.

O rei mandou proceder a obras de consolidação e acrescento da estrutura do imponente castelo, que em terras de fronteira era símbolo da identidade nacional. Os bens confiscados vieram a ser entregues a D. Afonso, filho ilegítimo de D. João I, fazendo-o Duque de Bragança, e que casou com D. Beatriz, filha única de D. Nuno Álvares Pereira, a mais rica herdeira do Reino.

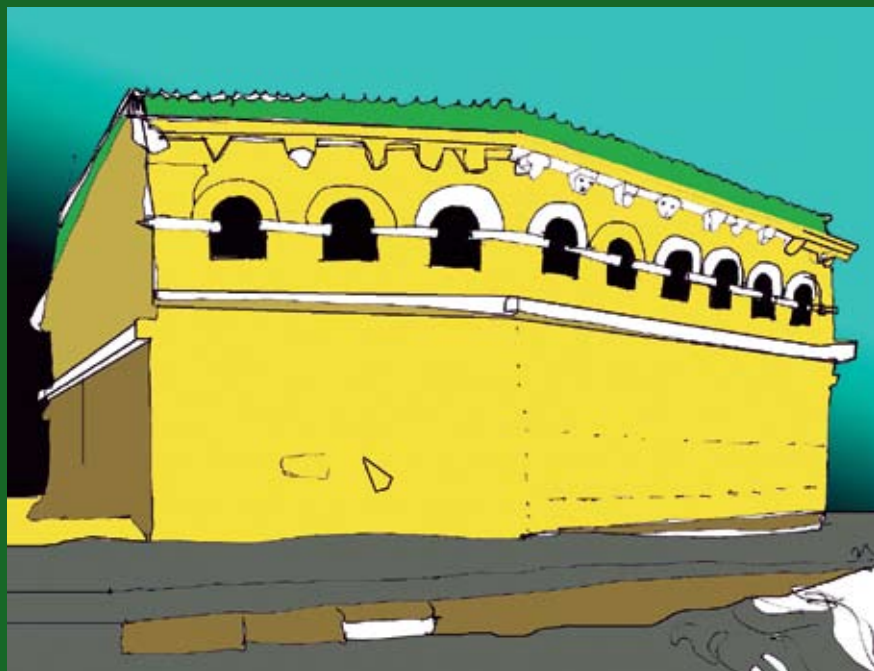


## A DÓMUS MUNICIPALIS E A TORRE DA PRINCESA

À volta do Castelo estruturou-se o núcleo histórico mais antigo chamado a Cidadela, também conhecido por "vila". É um espaço amuralhado e nele avultam a Dómus Municipalis (de estilo românico, único exemplar do género na Península Ibérica), a Igreja de Santa Maria, a Torre da Princesa e o Pelourinho, símbolo da autoridade municipal. São monumentos nacionais o Castelo, a Dómus Municipalis e o Pelourinho.

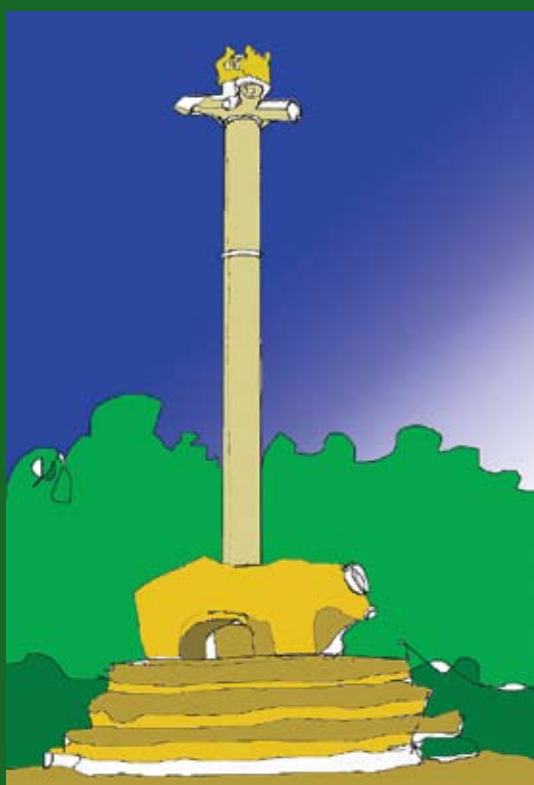


Igreja de Santa Maria

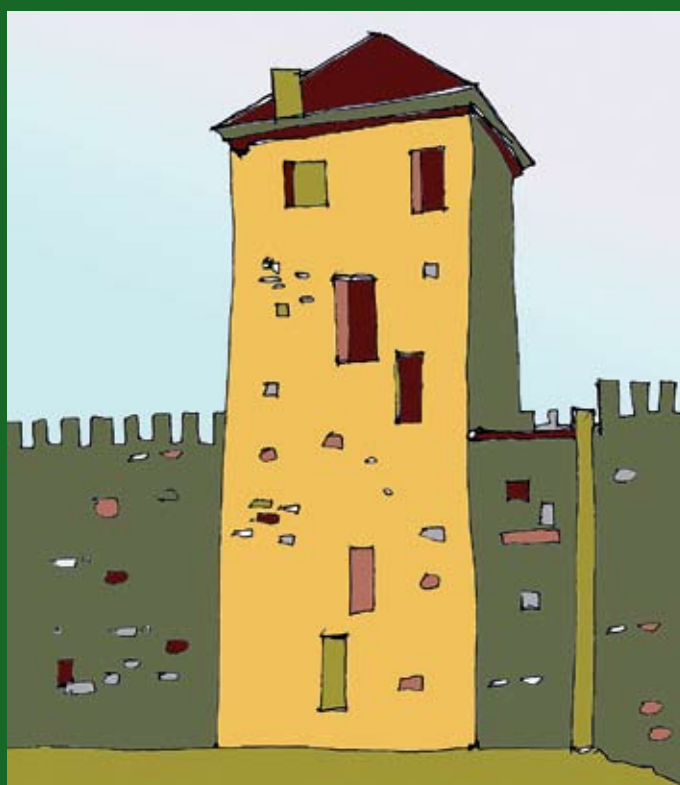


Dómus Municipalis

Pelourinho



Torre da Princesa



## DOM FERNANDO, 2.º DUQUE DE BRAGANÇA

Dom Fernando aumenta a opulência da sua casa ao juntar os bens do seu irmão Afonso, conde de Guimarães, falecido sem sucessão legítima. O Duque empenhou-se ao lado de D. Afonso V, nas campanhas do Norte de África. O rei nomeou-o governador de Ceuta. Considerado como um dos homens mais poderosos do reinado de D. Afonso V (1471), quando ele partiu para a conquista de Arzila e Tânger, o Rei confiou-lhe o governo do País.



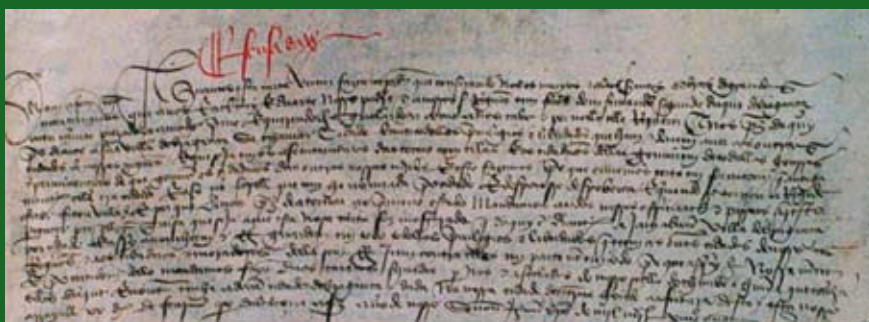
D. Afonso V e Fernando II de Bragança estudam o mapa de Ceuta.



D. Afonso V

## ELEVAÇÃO DE BRAGANÇA A CIDADE

A pedido do Duque de Bragança, o rei por alvará de 20 de Fevereiro de 1464, concedeu a Bragança, o foro de cidade, que já era um dos principais pólos de crescimento da região transmontana e do norte de Portugal. Bragança salienta-se como núcleo de uma região produtora de têxteis, entre os quais as apreciadas sedas.



Foral de D. Afonso V

D. João II acolheu judeus perseguidos pelos Reis Católicos. Só da vizinha Benavente vieram para Bragança 3000 casais.



## D. JOÃO II CONDENA À MORTE O DUQUE DE BRAGANÇA



D. Fernando 3.º Duque de Bragança recebeu de D. Afonso V os títulos de conde e duque de Guimarães pela sua participação na conquista de Alcácer Ceguer. A Casa Ducal rivalizava com a Casa Real. O Duque de Bragança tentou contrariar a vontade centralizadora do Rei, este ordenou o seu julgamento. O duque é condenado à morte e degolado em Évora no dia 20 de Junho de 1483.



## A REABILITAÇÃO DA CASA DE BRAGANÇA

O rei D. Manuel I reabilita a Casa de Bragança e os seus membros exilados em Castela regressam ao reino. O seu património aumenta continuamente durante o século XVI, cujo máximo expoente é o grandioso palácio ducal construído em Vila Viçosa.

## A EXPULSÃO DOS JUDEUS

O rei D. Manuel provoca grande prejuízo a Bragança ao decretar a expulsão dos judeus que haviam recusado o baptismo, originando a saída de centenas de habitantes da cidade. Uma perda irreparável para Bragança.



## JUDEUS ILUSTRES

Em consequência da terrífica actividade da Inquisição, milhares de judeus saíram de Portugal, levando dinheiro, contactos, saberes, experiência mercantil e, acima de tudo, o interesse pelo conhecimento e a explicação da causa das coisas. Os bragançanos Oróbio de Castro e Jacob de Castro Sarmiento são paradigma da perda que Portugal obteve devido ao insensato acto de D. Manuel I.

O primeiro foi médico e filósofo considerado, tendo sido líder, na Sinagoga de Amesterdão, o segundo notabilizou-se em Londres e na Escócia, sendo professor distinto na Universidade de Aberdeen, onde recebeu o grau de Doutor.

Oróbio de Castro



Jacob de Castro Sarmiento



## BRAGANÇANOS NA EXPANSÃO PORTUGUESA

A expansão portuguesa é um processo histórico de enorme magnitude iniciado em 1415, marcando de forma indelével a história da Humanidade. Homens idos de Bragança para Lisboa e outros portos partiram para lá do mar que banha Portugal, percorreram mares e terras distantes, em busca de melhorar a situação económica e social, ou, tão simplesmente, contribuir para a "evangelização" de outros povos.

Na Índia longínqua o bombardeiro Diogo de Bragança esteve ao lado de Duarte Pacheco Pereira nas lutas contra o samorim de Calecut.

Os primos Lourenço de Góis e Vasco Sarmento, cerca de 1540, estavam no Sião (Tailândia) onde foram capitães de duas fustas.

O intrépido António Ferreira em 1543 chefiava uns mil mercenários portugueses ao serviço do rei do Pegu (Birmânia), onde também operava outro bragançano de nome Cristóvão Sarmento.



Diogo de Bragança e Duarte Pacheco



## A CRIAÇÃO DA SANTA CASA DA MISERICÓRDIA

A Santa Casa da Misericórdia é fundada no ano de 1518. Além de ser amparo dos pobres e doentes da cidade, com esse intuito criou um Hospital, também ajuda os forasteiros e peregrinos que, de longe, iam a caminho de Santiago, Roma e da Terra Santa, ou em viagens de menor percurso para o qual necessitavam de auxílio material e espiritual.

## O PRIMEIRO SEMINÁRIO EM BRAGANÇA

O Concílio de Trento exigiu que, em cada diocese, se instituíssem seminários para a instrução dos clérigos. O terceiro Bispo de Miranda, D. Julião de Alva, procurou dar satisfação à ordem conciliar. Não o conseguiu, porque faleceu antes, mas deixou, no seu testamento, a quantia de 2000 ducados para a instalação do colégio de S. Pedro.

Será o seu sucessor D. António Pinheiro a concretizar a criação do colégio, mais tarde, seminário, passando a albergar alunos pobres que se preparavam para o sacerdócio.



## O ENSINO DA COMPANHIA DE JESUS

O Colégio foi construído num sítio chamado Cruz de Pedra, actual Praça da Sé. O Colégio recebeu o nome de Santo Nome de Jesus, mais tarde serviu para nele se instalar o primeiro liceu de Bragança, até meados do século XX.

A partir de 1559, os padres da Companhia de Jesus começaram a ensinar e a pregar na cidade. Cedo adquiriram fama de excelentes professores levando o Duque de Bragança a criar ali uma instituição de altos estudos que viesse a tornar-se numa "Universidade muito honrada".





## A PERDA DA INDEPENDÊNCIA

Em Agosto de 1578, D. Sebastião é derrotado e perde a vida na batalha de Alcácer-Quibir. A sua morte provoca o problema sucessório.

A Casa de Bragança através da duquesa Dona Catarina posiciona-se para lhe suceder, mas é Filipe II de Espanha que sobe ao trono. Nesse reinado, a Casa de Bragança mantém um lugar de destaque. No entanto, a popularidade do duque D. Teodósio incomodava o monarca espanhol.

## A CRISE ECONÓMICA

Nos finais do século XVI, é desfavorável a situação económica do país. Multiplicam-se as crises. Mulheres e homens pagavam duramente as consequências dos sucessivos maus anos agrícolas e pagamento de gravosos impostos. A generalidade dos habitantes de Bragança vivia muito mal.





## A RESTAURAÇÃO DA INDEPENDÊNCIA

Tanto Filipe III, como Filipe IV de Espanha, procuraram ter boas relações com a Casa de Bragança, mas o temor pelo seu poderio manteve-se. A situação no País continua a degradar-se devido à péssima acção do detestado Conde-Duque de Olivares, que governa em nome do rei. As desordens aumentam. Dão-se altercações em Évora e no Algarve. Rapidamente as manifestações de descontentamento espalham-se por todo o reino.

O clero, a nobreza e o povo unem-se em actos de desagrado. No dia 1 de Dezembro de 1640, há uma forte movimentação popular em Lisboa, os conjurados contra o domínio filipino matam o negregado Miguel de Vasconcelos e expulsam a Duquesa de Mântua, vice-rainha do rei espanhol. O duque de Bragança Dom João é aclamado como Rei de Portugal.



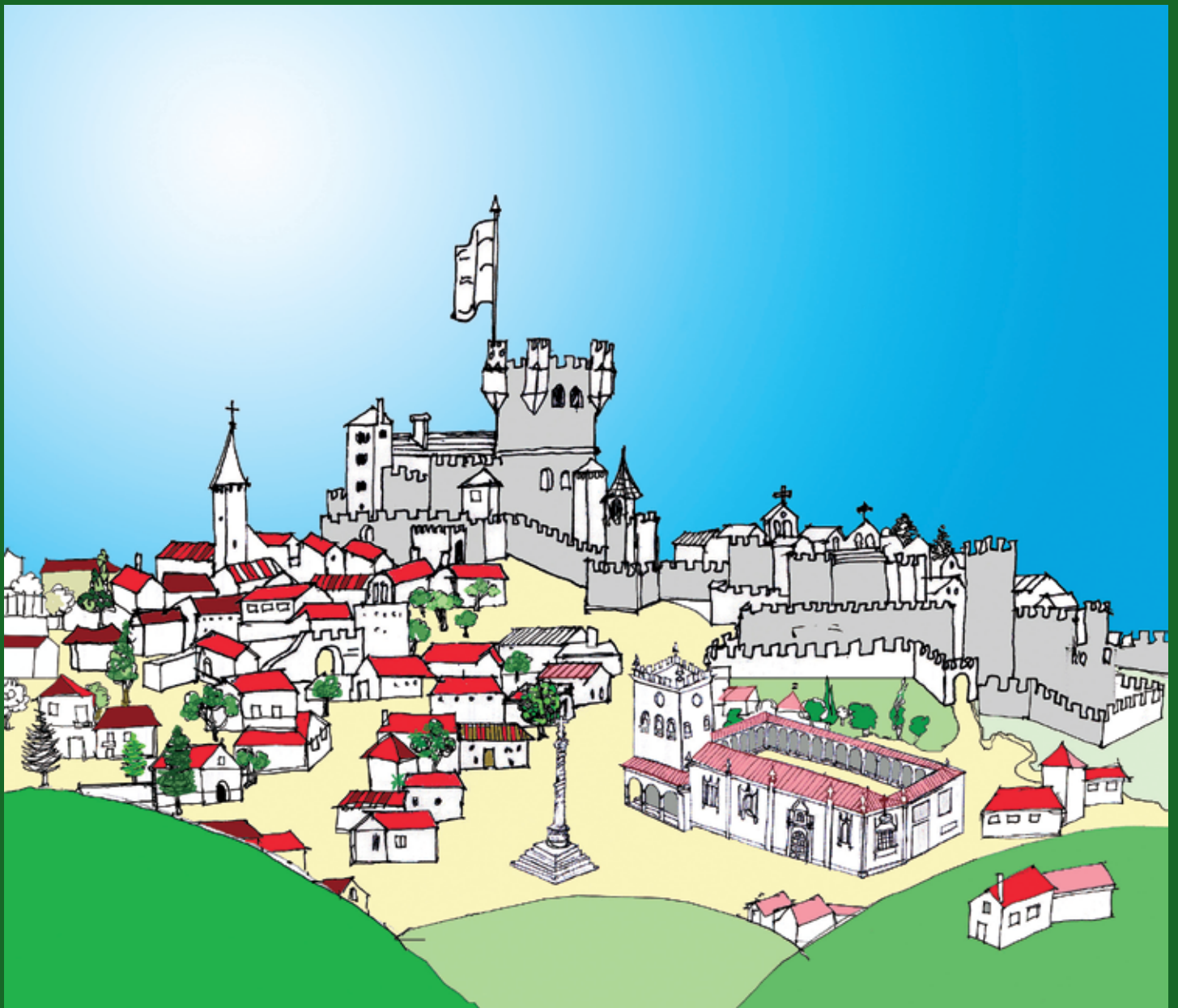
D. João IV



Miguel de Vasconcelos



Dom João duque de Bragança, subia ao trono como Rei de Portugal



## BRAGANÇA PRAÇA-FORTE

Fortificada desde a Idade-Média, cedo se transformou no principal centro de defesa militar do Nordeste Transmontano. Cidade fronteiriça, praça militar, Bragança teve papel de relevo nos conflitos luso-espanhóis decorrentes da restauração da independência e subsequentes.

A cidade foi devastada no ano de 1711, e durante a Guerra dos Sete Anos (1756-1763), sofreu nova investida espanhola.

Nos finais de Seiscentos princípios de Setecentos, Bragança era um importante centro militar com oito companhias de infantaria pagas, um terço (regimento) de forças auxiliares, com um sargento-mor e trinta e oito capitães de ordenança.

Até 1834, foi sede do governo militar de Trás-os-Montes, aí residindo o governador das armas desta província.

Como praça militar também dispunha de um alcaide-mor e governador da mesma. A guarnição era composta por dois regimentos.

## A INDÚSTRIA DA SEDA

A indústria da seda em Trás-os-Montes remonta ao séc. XV. A cidade de Bragança até ao séc. XIX será o maior e mais importante centro industrial, com produção, fabrico e tinturaria. Estava dotado de técnicos italianos e de comerciantes ingleses, aqui radicados.

As sedas eram exportadas para mercados como o Brasil e Rússia, sendo muito apreciadas pela grande qualidade. Do final do séc. XVII, ao principio do séc. XVIII, laborou em Bragança uma fábrica por conta de Sua Majestade, mais tarde adquirida pelo destemido negociante bragançano António José Lopes Fernandes. A fábrica tinha entrado em decadência, mas debaixo da orientação do arguto empresário passou a ser a mais importante da região.

Em 1794, possuía 232 teares e nela trabalhavam cerca de 950 trabalhadores.

A indústria da seda teve altos e baixos devido aos períodos de seca, sentidos nos anos de 1744-1745 e de 1757-1758, a problemas de gestão, sequelas do terramoto de 1755, mas fundamentalmente pela acção da Inquisição de Coimbra.



Entre 1749 e 1755, a Inquisição assolou de modo violento a cidade de Bragança, revelando-se particularmente intolerante com os cidadãos ligados à indústria da seda, sob o pretexto de judaísmo.

Pelos cárceres de Coimbra passaram centenas de pessoas perseguidas, na grande maioria homens de negócios, a quem eram confiscados os bens. A cidade de Bragança, de 1580 a 1755, teve 1601 cidadãos processados pela Inquisição de Coimbra e Évora. Muitas famílias abandonaram Bragança procurando terras onde pudessem levar uma vida segura e pacífica, nomeadamente para Bordéus, Paris e Amesterdão, entre outras cidades francesas e holandesas.



## A TRANSFERÊNCIA DA DIOCESE DE MIRANDA PARA BRAGANÇA

O Bispo D. frei Aleixo de Miranda Henriques consumou a transferência da sede da diocese de Miranda para Bragança, com assentamento ocorrido em 1780. A decisão do Prelado causou grande desgosto aos mirandeses, sendo a sua atitude muito criticada.



## BRAGANÇA A "CAPITAL" DE TRÁS-OS-MONTES

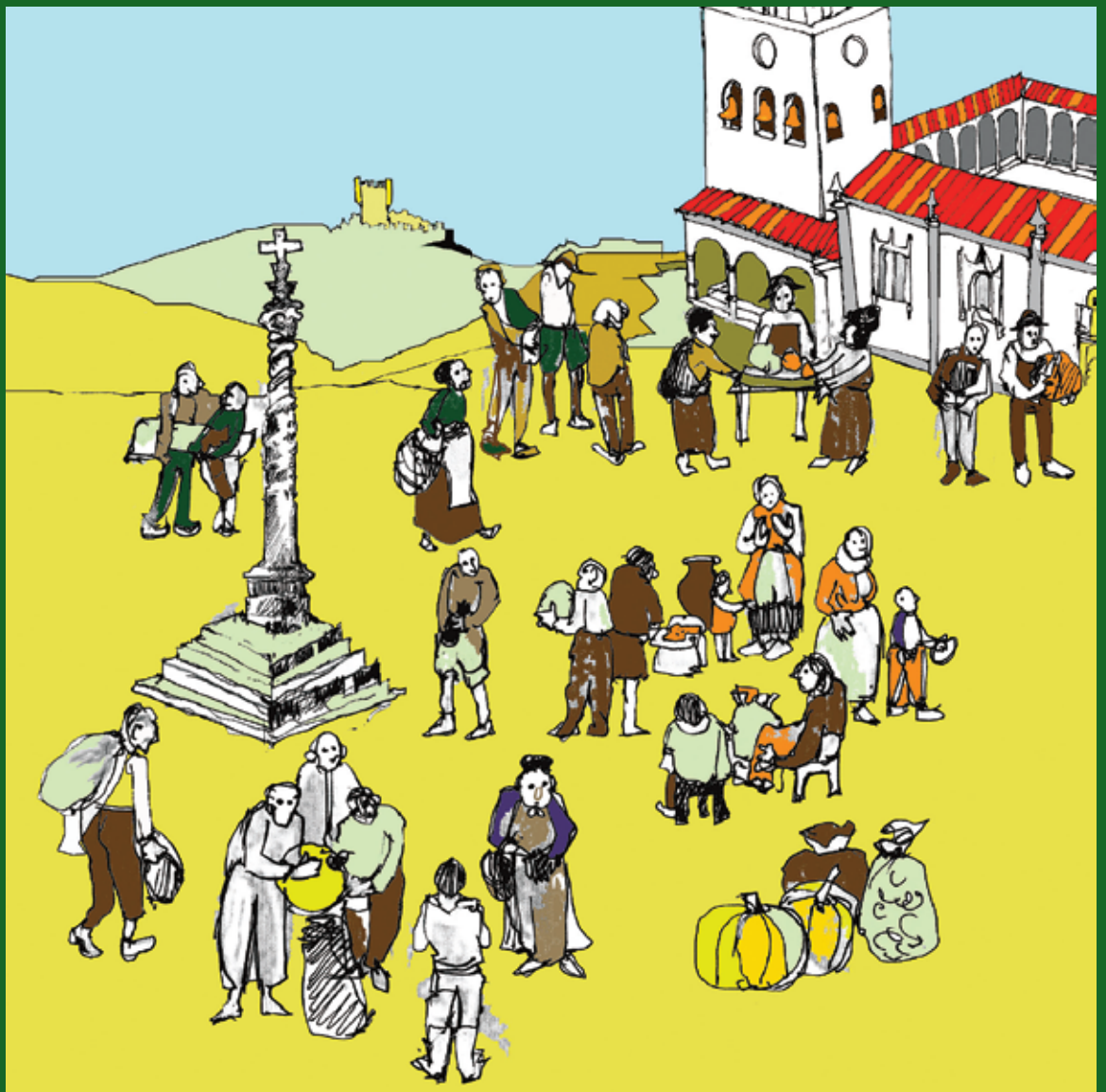
A cidade nos finais do séc. XVII, ganha notoriedade graças a um conjunto de privilégios, competências, actividades e funções que a distinguem e afirmam no contexto regional.

Além de sede concelho, foi também cabeça de uma ouvidoria, centro de um almorarifado da Sereníssima Casa de Bragança e sede de uma alfândega. Na cidade coexistiam órgãos da administração concelhia, da administração senhorial e da fazenda Real, determinando a existência de um considerável número de magistrados e oficiais.

Até aos finais do século XVIII, Bragança passa por um excelente período económico graças à indústria da seda.

Era o maior burgo, o mais populoso, rico e opulento de Trás-os-Montes. A cidade tinha um "grande comércio de sedas, abundância de gados e boas lãs", sendo a "melhor, maior e mais rica da província, por ser a de maior comércio", acentuava o estudioso Ribeiro e Castro.

A Praça do Colégio, hoje Praça da Sé, "constituía o centro de recepção dos forasteiros que demandavam o burgo."



O centro da cidade seria a Praça de S. Vicente, um espaço de muitas funções. A avultava a presença dominante da Igreja, sede da confraria mais poderosa da cidade, e local sagrado onde D. Pedro I teria casado em segredo com a bela e trágica Inês.

Naquele local (adaptado) corriam-se touros, e, no dia a dia, vendiam-se produtos alimentares.



A rua Direita era (desde há muito) o eixo principal do trânsito, "com preponderância sobre a morfologia e estrutura da cidade, local de oficinas e lojas". Era espaço privilegiado no que respeita às convivialidades.

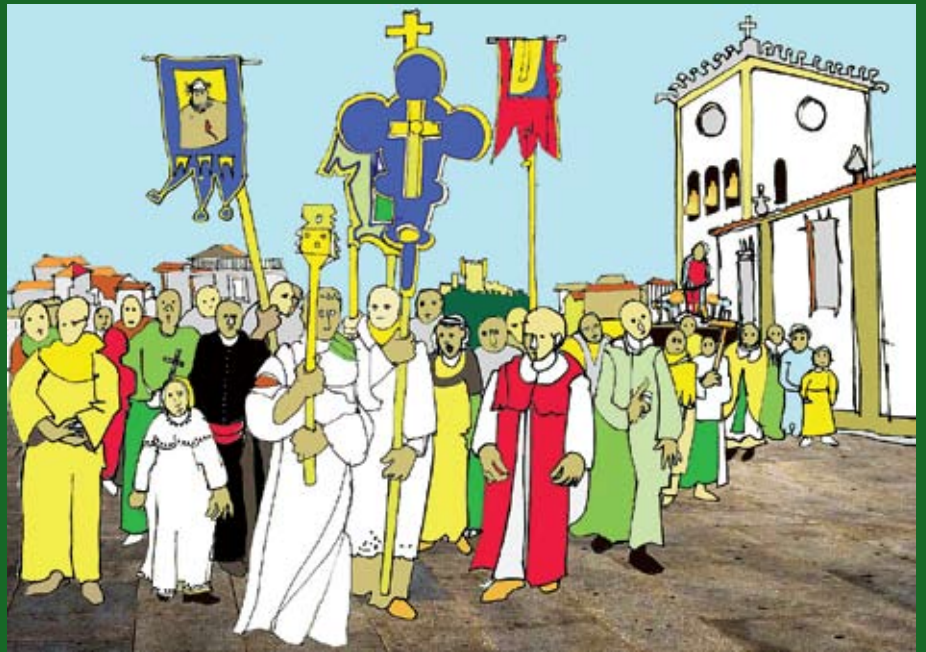


No século XVIII, realizavam-se grande número de actos religiosos nas principais igrejas paroquiais ou conventuais e ainda nas ruas "pontilhadas de forma permanente ou temporária, de outros locais de culto."

Entre as celebrações ressaltavam as da Páscoa e as do Corpo de Deus.

Estas últimas eram

recheadas de motivos profanos, que o Abade de Baçal diz carnavalescos. O concelho, com 134 freguesias, incluindo as duas da cidade, totalizava, então, 7663 fogos e 29971 almas.



## O DECLÍNIO

A decadência da indústria das sedas, os maus anos agrícolas e a diminuição do comércio com Espanha, a nefasta actividade da Inquisição, a invasão da região pelos exércitos espanhóis, levou numerosas famílias

a emigrarem, originando um decréscimo na sua população.

Em 1804, a "fome e a peste", "fazem desertar e morrer muita gente".

Seja como for, o golpe mais dramático contra a região transmontana ocorreu com as Invasões Francesas (1807-1810), devido, entre outras causas, à mobilização dos nossos recursos para a guerra, à paralisação da nossa economia; à fuga de mestres da indústria das sedas, de forma a evitarem o recrutamento militar e, sobretudo, à abertura do Brasil ao comércio internacional.





General Manuel  
Jorge Gomes  
de Sepúlveda



Napoleão

## A REVOLTA CONTRA O INVASOR

Os franceses não fizeram de Bragança o palco principal da sua tenebrosa acção, mas a presença deles no Reino tornou-se insuportável.

Por essa razão, o Abade de Carrazedo, Manuel António de Madureira Cirne com alguns populares e militares, organiza um plano de resistência contra os exércitos de Napoleão, movimentam o povo, convidando o General Manuel Jorge Gomes de Sepúlveda a liderar militarmente a revolta. Aceita o encargo.



As pilhagens dos franceses

No dia 11 de Junho de 1808, na escadaria de S. Vicente fala e contem o povo (que se levanta), assumindo-se como chefe do movimento libertador do jugo dos franceses.

O General Sepúlveda fala ao povo de Bragança

Um painel de azulejos colocado nessa Igreja assinala tão importante acto da História de Portugal. Na retirada as tropas francesas, deixaram nas terras de Bragança, um rasto de destruição com saque a igrejas e ataques a pessoas indefesas.



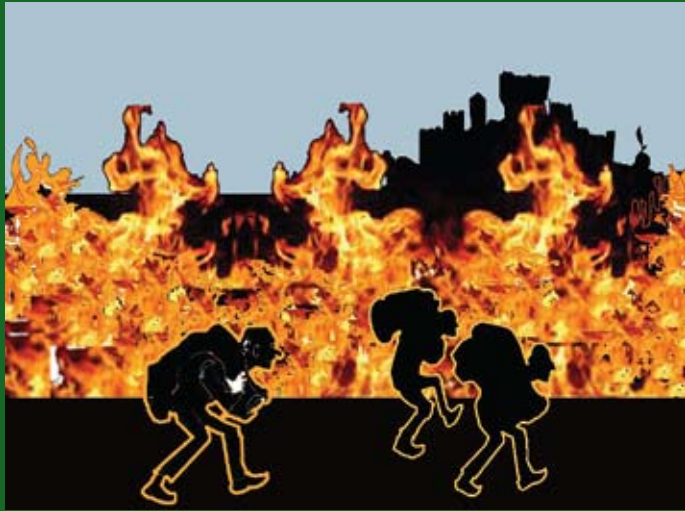


## A CRISE ACENTUA-SE

Desde o início do século XIX, que a relativa "prosperidade" principia a esfumar-se... Uma "atonía vital" assola a região acompanhada por uma quebra demográfica.

A crise que vinha depauperando o Nordeste, mais se acentuou com o invasor francês que matou e rapinou como entendeu.

Na sequência a fome é pérfida companheira das populações, tornando-se o ano de 1811 notado pela virulência da carestia.



Uma agricultura pobre, de subsistência, assente na criação de gado e na cultura cerealífera, apegada a práticas e técnicas rotineiras, em anos de más colheitas as populações viam agravadas as consequências. A guerra civil de 1826-1827 também trouxe grandes prejuízos a Bragança, tendo a cidade sido saqueada.



No período de 1832-1834, Bragança e toda a província foram teatro de acontecimentos cujo impacto afectou de forma extrema a indústria da seda, desde há muito depauperada pela escassez de capitais.





Face a tantos factores negativos as fábricas arruinaram-se: o número de teares que ultrapassava os duzentos e cinquenta nos primeiros anos do século dezanove desce para trinta e sete em 1817. Dos tempos áureos em que a indústria das sedas empregava mais de 1000 trabalhadores, em 1839, não chegavam a 300.



Entre 1835 e 1870, época tão fundamental para o relançamento da sericultura e indústrias das sedas em Bragança, o Estado manteve-se indiferente ao seu desenvolvimento e a iniciativa privada não deu sinais de vida.

O ano de 1856 provocou grande sofrimento à população do Nordeste. Uma grande escassez de cereais, resultante do duro e catastrófico Inverno de 1855-1956, que arrasou casas, campos, pontes e caminhos, a péssima colheita vinícola consequência da destruição provocada pelo oídio e a epidemia de cólera morbus levam o povo ao desespero. Esta conjuntura estaria na origem de um motim que eclode em Bragança que ficou conhecido pela "Barulheira do Peneiro."

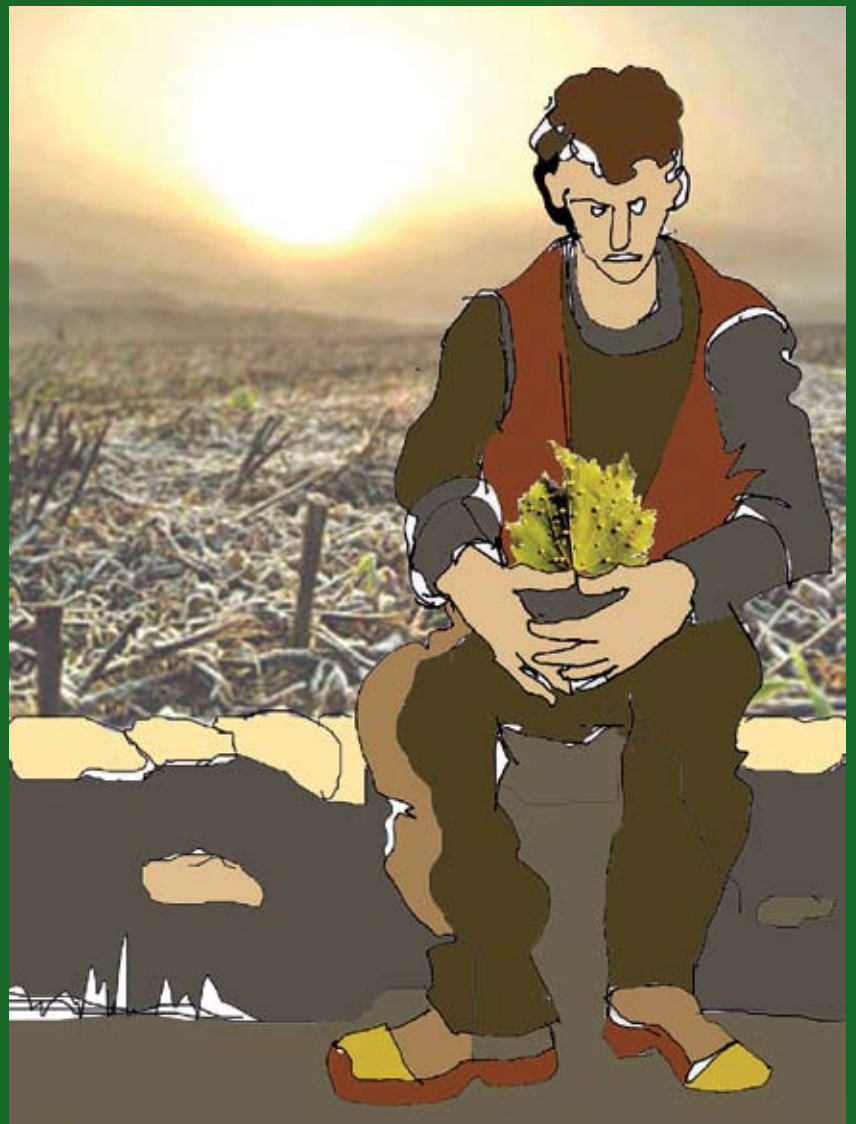


O povo enfurecido investe "contra os aparelhos de preparação de farinhas...", que a Câmara tinha montado e as "máquinas" de destilação do vinho.

Era dramática a realidade económica e social da região, a que Bragança desprovida de indústrias estava intimamente ligada. Com efeito, a agricultura, a única fonte de riqueza de uma região em que apenas um quarto da superfície disponível recebia culturas, debatia-se com a falta de braços, a tacahez dos mercados, limitados pela ausência de vias de comunicação, a carência de capitais e de instrução agrícola.

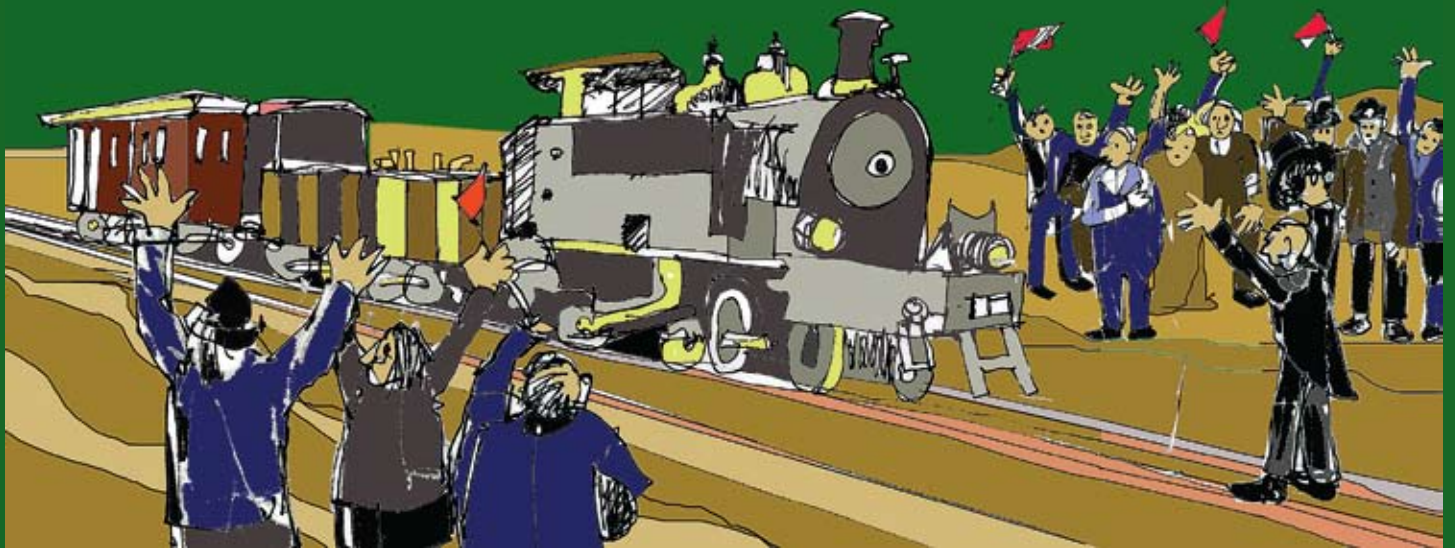
A economia da cidade e do distrito agravou-se profundamente na penúltima década do século XIX, devido ao afundamento da sericultura e a crise vínica, que lhe sucedeu, pelo terrível efeito da filoxera, ao inteiro aniquilamento da cultura do sirgo, e pela baixa considerável do azeite.

A região mergulhou numa tremenda depressão, que acabou por envolver todas as classes sociais.



A maior parte do século XIX é para Bragança e o Nordeste um dos períodos mais terríveis da sua história contemporânea, caracterizado pela estagnação da economia, consequência de uma agricultura de baixíssimo rendimento, privada de investimentos indispensáveis à modernização e crescimento.

Famílias inteiras "a braços com a miséria extrema emigraram", sobretudo para o Brasil, tendo adquirido maior expressão com a chegada do comboio a Bragança em 1906.



Partida para o Brasil





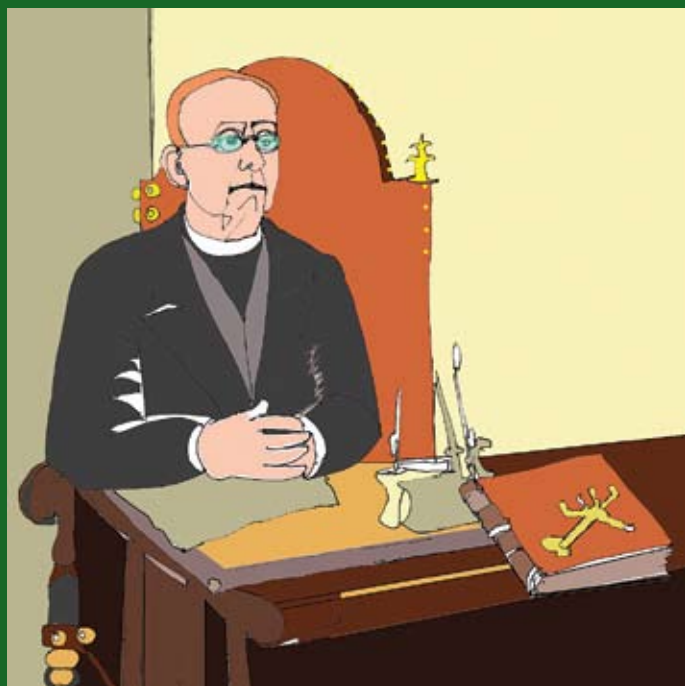
## A IMPLANTAÇÃO DA REPÚBLICA

O regime monárquico acabou devido à sua própria inércia e ao activo entusiasmo dos republicanos, como foi o exemplar caso do bragançano, nascido em Izeda, Dr. Augusto Alves da Veiga, "A voz que rijamente na madrugada trágica da revolta do Porto, em 31 de Janeiro de 1891, proclamou a República". Com ele termina a dinastia da Casa de Bragança, de amplitude intercontinental e ligada às mais influentes casas reinantes da Europa. A implantação da República a 5 de Outubro de 1910, não provocou confrontos entre realistas e republicanos, mas as mudanças políticas originam a eclosão de uma imprensa entusiasta, crítica e polémica tão ao gosto da época.

Um dos mais empenhados polemistas foi o Padre Francisco Manuel Alves. Por essa altura já possuía créditos firmados na área da cultura, devido às suas investigações sobre Bragança e a região. Firme defensor dos patrimónios locais, é autor da monumental obra - Memórias Arqueológico-Históricas do distrito Bragança.

A 21 de Maio de 1911, o Ministro do Interior António José de Almeida visita Bragança, e na sequência por decreto de 27 do

mesmo mês, determina que o liceu ascenda à categoria de Liceu Nacional Central. Ainda no ano de 1911, em homenagem ao ilustre bragançano e republicano, o liceu passa a designar-se Liceu Central Emídio Garcia.



O Abade de Baçal

## O ABADE DE BAÇAL E O MUSEU

O vigor, entusiasmo e paciência do Padre Francisco Manuel Alves (mais conhecido pela dignidade de Abade de Baçal), são determinantes para a criação do Museu Regional em 1915, que logo incorpora o Museu Municipal. O Museu ficou instalado num formoso edifício do séc. XVIII, antigo Paço Episcopal.

Nomeado seu director, o Abade de Baçal, soube rodear-se de

um conjunto de personalidades (José Montanha, Raul Teixeira, José de Castro, Teixeira Mós, Pires Quintela).

Da condição de seus amigos passaram à de mecenas e "Amigos do Museu", tendo tido relevante desempenho na sua defesa e divulgação.





## A INAUGURAÇÃO DA ILUMINAÇÃO ELÉCTRICA

No ano de 1921, Bragança "entrava na era da electricidade", a novidade foi grande, cumprindo-se desejo antigo mercê da proficiência do engenheiro francês Lucien Guerche.

Na noite de 29 de Outubro desse ano, a Praça da Sé esteve iluminada com três lâmpadas eléctricas.

Tão grande melhoramento provocou imenso júbilo, levando os estudantes, a no dia 27 de Dezembro acenderem um candeeiro a petróleo, para de seguida, imediatamente o apagarem debaixo de uma ovação de palmas.

Simbolicamente, procediam ao enterro da antiquada iluminação.

## A CIDADE DEFINHA

A cidade só em 1930 ultrapassa os 6000 habitantes, a confirmar ténue dinamismo urbano resultante de pertinaz definhamento económico.

A falta de recursos originou um intenso fluxo emigratório.

Nas décadas de trinta e quarenta, a Ditadura Militar e o salazarismo, impedem Bragança de continuar a ser centro militar de importância,

retirando-lhe três unidades militares, deixando-a confinada a uma - o Batalhão de Caçadores n.º 3.

A cidade vivia uma meia-vida marcada pela burocracia, a resignação e o conformismo, mantendo-se dependente da agricultura, do mercado de gados, serviços e funcionalismo público.

As notas garridas e alegres no quotidiano eram proporcionadas pela jovialidade de milhares de estudantes durante o período escolar.



## A GUERRA COLONIAL E A EMIGRAÇÃO

O Batalhão de Caçadores n.º 3 passa a centro de instrução após o rebentar da guerra colonial em 1961. Nela muitos bragançanos deram provas de bravura e coragem, e outros perderam a vida.

Nos anos sessenta e setenta do século XX, muitos cidadãos foram obrigados a procurar sustento noutras terras, dadas as dificuldades de aqui governarem a família e educar os filhos.

Cerca de 16,5 % da população do concelho partiu para a França e Alemanha. Nesses países conquistou o respeito e admiração pelo trabalho realizado, a seriedade e humildade demonstradas. Esta gente forçada a partir, organizou-se noutras paragens, não esqueceu a terra onde nasceu, mas a que poucos regressaram, visto os seus descendentes se terem integrado nos países onde nasceram e foram educados.





## ALTERAÇÕES URBANAS DURANTE O ESTADO NOVO

Em quarenta e oito anos de Estado Novo, há a assinalar a construção de um conjunto de edifícios que marcam a cidade. São exemplo significativo: o edifício dos Correios, o Patronato de Santo António, o Palácio da Justiça e o das Corporações, o Colégio de S. João de Brito, a Pousada de S. Bartolomeu, a antiga Escola Industrial e Comercial, o antigo Liceu (hoje escolas secundárias), a antiga Escola de Enfermagem (actualmente Escola Superior), as Escolas Primárias das Beatas, o Hotel Torralta e a residência de estudantes Fundação Gulbenkian.



Hospital



## A REVOLUÇÃO DOS CRAVOS

No 25 de Abril de 1974 milhares de pessoas encheram as ruas de Bragança para festejarem a restituição da liberdade ao povo português. Nascia uma grande esperança.

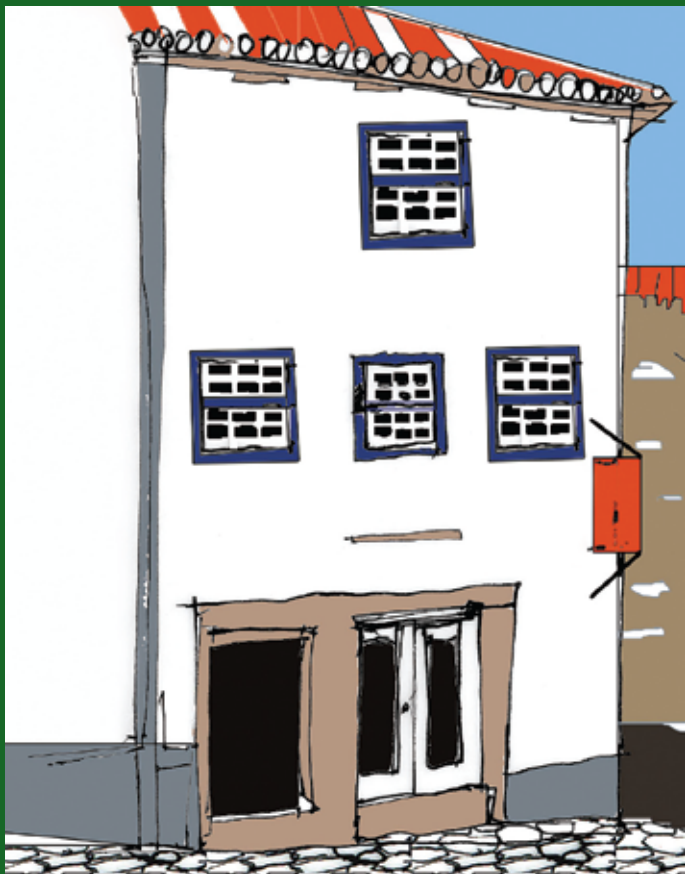
Na sequência do 25 de Abril, a cidade recebe e integra harmoniosamente centenas de regressados das antigas colónias.

A cidade evolui lentamente por causa do gritante abandono praticado pelo poder central ao não conceber projectos estruturantes para a região, e a negar-lhe recursos suficientes para a colocar em igualdade de circunstâncias com outras cidades sem o seu passado histórico, a sua importância e os seus recursos naturais.

Com a adesão de Portugal à CEE, no ano de 1986, iniciou-se um ciclo no qual Bragança tem aproveitado importantes apoios comunitários, para se modernizar em termos urbanos.



A cidade cresceu, com novas edificações, novas urbanizações, novas avenidas, novas infra-estruturas de saneamento básico, rios despoluídos, ruas pavimentadas, melhoria da iluminação pública, mobiliário urbano adequado e uma grande evolução na sua limpeza, além da evidente multiplicação dos espaços verdes.



Museu Ibérico da Máscara e do Traje

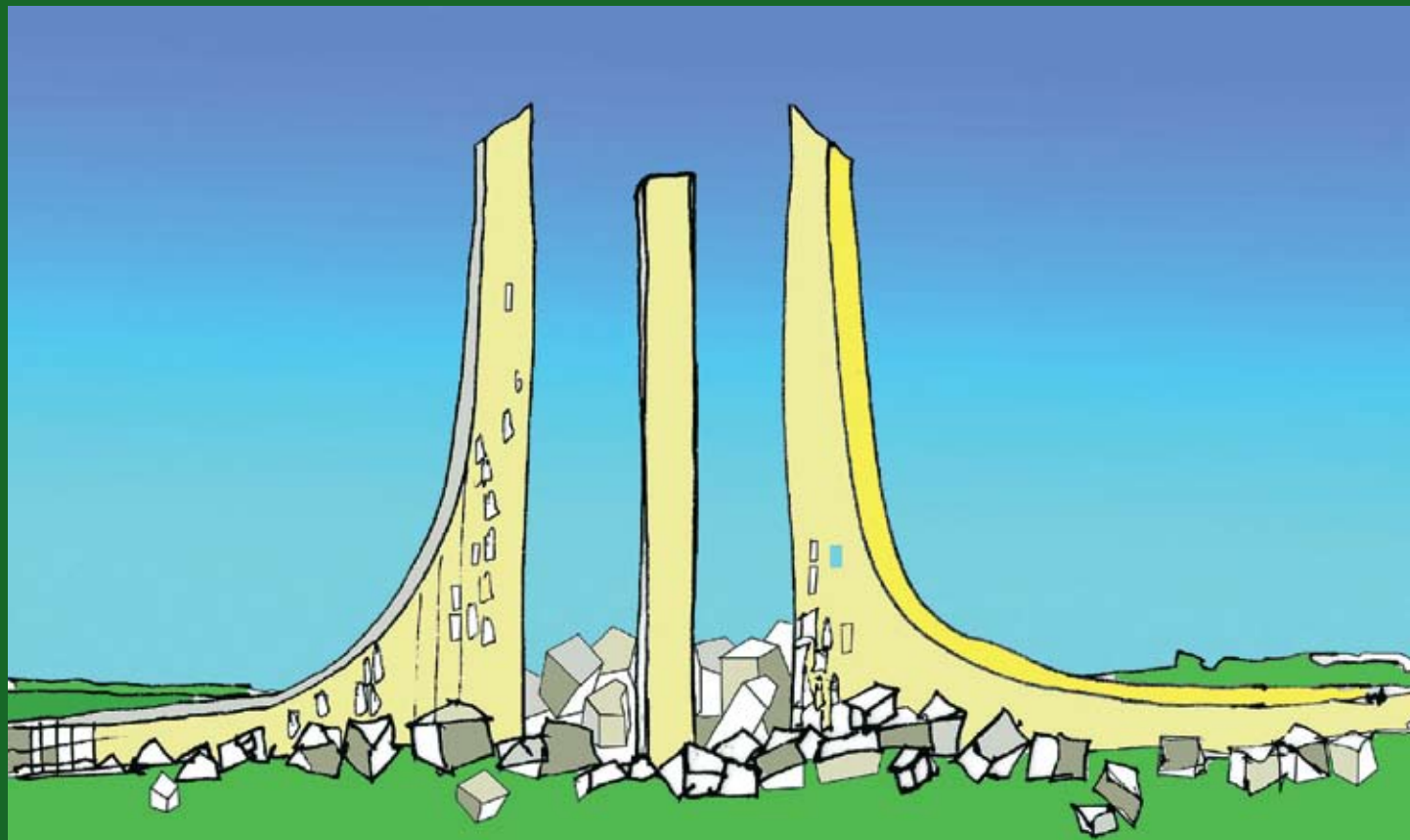


Na área social ocorreu uma significativa e positiva transformação, e na área cultural, em termos de equipamentos, uma revolução. Esta revolução de matriz municipal - que continua - está bem vincada no Centro de Ciência Viva, na Biblioteca Municipal, no Conservatório de Música, no Centro Cultural, na Fundação "Os Nossos Livros", na Biblioteca Adriano Moreira, no Teatro Municipal, no Museu Ibérico da Máscara e do Traje e no Centro de Arte Contemporânea Graça Morais.



Centro de Arte Contemporânea  
Graça Morais

Tão importantes instrumentos, conjuntamente com o Museu Abade de Baçal e o Museu Militar, permitem uma descoberta dos mundos do Mundo, com o conseqüente acesso a múltiplas áreas do conhecimento na esfera da cultura, da ciência, da educação, da formação, da criação artística e da técnica.



Grupo escultórico no Alto das Cantarias

A estrutura do Ensino Superior veio proporcionar um ambiente favorável à economia, à qualificação dos recursos humanos e das instituições, sendo hoje essa mesma qualificação média dos cidadãos, superior à média nacional. A economia evoluiu. De 1995 a 2005, o poder de compra cresceu progressivamente 20,6 pontos percentuais, superando a média nacional e a média da região norte, ocupando a sétima posição de entre os 86 municípios da Zona Norte de Portugal.

Ao nível da população activa, a distribuição alterou-se, o sector primário perde importância de forma incisiva a favor do sector terciário (a grande maioria) e do sector secundário.

Na transição do séc. XX para o séc. XXI, Bragança não só resiste ao centralismo manietador, como vence obstáculos apostados em lhe dificultarem a ascensão a cidade de referência no Norte de Portugal. À desertificação contrapõe um conjunto de realizações a guindá-la a uma posição de destaque no plano da cultura e da ciência, empenhando-se na defesa e promoção dos diversos patrimónios.

## O FUTURO

O futuro de Bragança vai-se construindo diariamente, devido à existência de condições para a formação e desenvolvimento dos conhecimentos de milhares de alunos a frequentarem o Instituto Politécnico e as Escolas da cidade.

O futuro de Bragança forja-se, dia a dia, pelo contínuo aumento da oferta de equipamentos culturais, científicos, artísticos e de lazer, de forma a que os diversos saberes estejam ao alcance de todos: pessoas de poucas letras, ou gente culta.

O futuro de Bragança passa por cumprir-se um projecto a realçar a sua Proto-História e refulgente História, num processo evolutivo, ora mais lento, ora mais rápido, sustentado por acontecimentos a concederem-lhe a condição de cidade a marcar a História de Portugal.

Ao longo dos séculos, mulheres e homens de Bragança, foram salientes actores de factos ocorridos e nível regional, nacional e universal, como os Atlas comprovam a sua dimensão e presença nas cinco partes do Mundo. A unidade na diversidade, plena de vitalidade potencia uma cidade ponto de referência nas relações transfronteiriças com Espanha, e com futuro. Bragança será sempre futuro!





## **O MEU NOME É BRAGANÇA**

Edição da Câmara Municipal de Bragança

**Coordenação e Texto**  
Armando Fernandes

**Ilustrações**  
Maria José Ferreira

**Direcção gráfica**  
Armando Alves

**Pré-impressão**  
A. Alves - Arte e Edições, Lda.

**Impressão e acabamento**  
Tipografia Bragantina

**Depósito Legal:** ??????????????

**ISBN:** ??????????????

Esta obra tem como base, textos  
de vários autores inseridos na obra  
"Bragança Marca a História  
A História Marca Bragança".

Todos os direitos reservados.

Bragança 2010

